

A historicidade do “IV Reich”:
os usos do conceito desde a
Alemanha nazista até os dias
de hoje

La historicidad del “IV Reich”:
los usos del concepto desde
la Alemania nazi hasta
nuestros días

Marcos Eduardo Meinerz¹



ROSENFELD, Gavriel. *O Quarto Reich: da Segunda Guerra Mundial aos dias de hoje, a ameaça do fantasma do nazismo e o avanço da extrema direita autoritária*. São Paulo: Editora Cultrix, 2022.

Gavriel Rosenfeld é professor de História na *Fairfield University* (EUA). Desde o começo do século XXI, tem publicado um vasto material sobre o *III Reich*, o Holocausto e a Segunda Guerra Mundial. Entre suas obras mais famosas estão *The world Hitler never made* (O mundo que Hitler nunca criou) de 2005, e *Hi Hitler! How the nazi past is being normalized in contemporary culture* (Hi Hitler! Como o passado nazista está sendo normalizado na cultura contemporânea) de 2015. Em ambos os livros, o autor trabalha com a história contrafactual – com narrativas “e se?” sobre o *III Reich*. Com o foco de suas análises na memória, em ambos os livros, o autor atribui à cultura popular, especialmente ao gênero da história alternativa (contrafactual), a capacidade de fornecer *insights* importantíssimos sobre a dinâmica da memória.

Durante grande parte do período do pós-guerra, a era nazista foi observada moralmente como um período excepcional da história, diferente de todos os outros. Contudo, Rosenfeld afirma que desde as duas últimas décadas do século XX e no início deste milênio essa visão está sendo “desafiada” por uma poderosa onda de normalização. Nos dois livros citados, o autor mapeia essa tendência internacional examinando as múltiplas representações do passado nazista na vida intelectual e cultural do ocidente contemporâneo. Concentrando-se em trabalhos de erudição histórica, romances populares, histórias contrafactuais, filmes e sites da internet, ele identifica mudanças na representação da Segunda Guerra Mundial, do Holocausto e da figura do próprio Adolf Hitler ao longo do tempo. Ao explorar as origens dessas obras e avaliar as controvérsias que elas provocaram, ambos os livros fornecem uma importante contribuição sobre a mudança de *status* do passado nazista na memória ocidental. Ao longo das suas pesquisas para esses estudos, Rosenfeld se deparou com muitas obras de literatura, cinema e televisão que “imaginavam nazistas do pós-guerra tentando voltar ao poder e estabelecer um ‘Quarto Reich’” (ROSENFELD, 2022, p. 9). Na época, o autor afirma que não refletiu com maior profundidade sobre esse cenário, pois ele estava mais voltado para o que ainda poderia acontecer no futuro, do que para o que poderia ter acontecido no passado. Contudo, na última década, Rosenfeld percebeu que o termo começou a ser empregado com maior recorrência em vários âmbitos da sociedade e com objetivos variados: analistas

Marcos Eduardo Meinerz
A historicidade do “IV Reich”: os usos do conceito
desde a Alemanha nazista até os dias de hoje



políticos europeus acusando a chanceler alemã, Angela Merkel, de tentar impor um *IV Reich* sobre a Europa ao forçar outros países da União Europeia a adotar medidas de austeridade; ativistas políticos de esquerda rotulando o governo israelense como um *IV Reich* devido às suas ações militares na Faixa de Gaza e no Líbano; e analistas políticos estadunidenses alarmando que o presidente Donald Trump estava ameaçando instalar um *IV Reich* nos Estados Unidos.

O fato de críticos das mais variadas correntes estarem articulando seus medos políticos de um modo muito polêmico, levou-o a pesquisar as origens do Quarto Reich enquanto um conceito nesse livro aqui resenhado. Em um nível mais básico, o Quarto Reich é um símbolo linguístico que emprega descrição ou sugestão para comunicar algum tipo de significado relativo à alguma entidade externa. É também uma metáfora usada em sentido figurado para representar outra coisa. É um significante retórico que emprega uma expressão que prende a atenção com o objetivo de informar e persuadir. Pode ser aspiracional ou oposicional, positiva ou negativa, reformulando ideias sociais e políticas complexas em termos mais simplificados. Ao fazer isso, segundo Rosenfeld, “um *slogan* forja solidariedade entre pessoas de diferentes pontos de vista políticos, dando-lhes uma ideia comum em torno da qual se reunir” (ROSENFELD, 2022, p. 19), ao mesmo tempo que pode provocar oposição de grupos cujos membros possuem crenças diferentes. Este é o primeiro mérito de Rosenfeld no livro: analisar o Quarto Reich enquanto um conceito, focando suas análises na sua historicidade e traçando a sua história, os seus usos e abusos, desde a Alemanha nazista até os dias atuais.

O segundo mérito, foi analisar que o seu uso no mundo pós-guerra reverberou o medo de um possível retorno nazista ao poder e que esse medo foi uma presença constante na vida política, intelectual e cultural do Ocidente. Segundo Rosenfeld, é importante reavaliar como gerações passadas responderam a seus próprios medos analisando a história de “um pesadelo que nunca aconteceu – a criação de um Quarto Reich” (ROSENFELD, 2022, p. 12.)

Uma das primeiras intelectuais a dar atenção às paixões, aos medos, aos sentimentos e às sensibilidades no atuar político foi Hannah Arendt. Segundo Marionilde Brepohl de Magalhães (2010), quando a maioria dos historiadores interpretava os processos históricos como exclusivamente movidos pelo pensamento organizado, a que denominava ideologia ou utopias, Arendt colocou em evidência sentimentos coletivos que se cristalizavam no antissemitismo, no racismo e na adoração ao líder, acontecimentos tão ou mais importantes que ideias, doutrinas e instituições.



Tempos depois, os historiadores franceses Raoul Girardet e Pierre Ansart resgataram e aprofundaram os métodos e abordagens que contemplassem os sentimentos na política. De acordo com Magalhães (2010, p. 30),

outrora considerados pelos historiadores com sintomas de desnorreamento coletivo ou ainda, como um conjunto de reações violentas e passionais típicas das camadas subalternas, a partir destes autores, o estudo dos sentimentos e das sensibilidades como um novo lugar para a História tem se consolidado cada vez mais, justificado, por um lado, por razões epistemológicas, e por outro lado, pela experiência mesma com os acontecimentos contemporâneos: os ódios públicos, as paixões revolucionárias, o fenômeno do engajamento, os mitos de unidade irracionais, tão decisivos na ação política quanto as sociabilidades entretecidas a partir do pensamento organizado. Assim, tais fatores exigem uma investigação que dê conta de analisar as diferentes maneiras de sentir, bem como de eliminar a rígida dicotomia entre o sentir e o pensar.

É a partir destas percepções que Rosenfeld é merecedor de crédito, uma vez que estudar o imaginário do Quarto Reich ajuda a perceber que os medos, as incertezas, a insegurança e os temores do pós-guerra de um possível retorno dos nazistas ao poder também se baseavam em perigos reais, que poderiam ter se concretizado se as circunstâncias tivessem sido, segundo ele, um pouco diferentes.

Outra questão que Rosenfeld coloca como central em suas análises é a memória. Pesquisar os usos do conceito "Quarto Reich" na vida política, cultural e intelectual do Ocidente no pós-guerra, ajuda a compreender como as pessoas recordam os doze anos da história do *III Reich* de uma forma não apenas passiva, mas também empregando essas memórias de forma ativa para moldar o futuro. Isso significa que o medo de um retorno nazista ao poder motivou iniciativas públicas para impedir que essa possibilidade viesse a se concretizar.

O medo estimulou as pessoas a impedir um renascimento do nazismo não só na Alemanha, mas em qualquer outra parte do mundo. No decorrer da era pós-guerra, o Quarto Reich foi universalizado como um significante global de ressurgimento do nazismo e do fascismo. No processo, a ideia funcionou como uma



profecia de volta automática ao passado. Ao inspirar, no entanto, a vigilância popular, sua existência no reino das ideias impediu sua concretização na realidade (ROSENFELD, 2022, p. 16).

O livro “O Quarto Reich” está dividido em duas partes, cada qual com três capítulos. A primeira parte foca nas origens do termo Quarto Reich na Alemanha e no seu impacto sobre o país no começo da década de 1930 até o início da década de 1950. No primeiro capítulo Rosenfeld analisa como a ideia de um Quarto Reich emergiu com um caráter antinazista entre vários grupos da resistência alemã que o evocavam: judeus-alemães exilados, cristãos, socialistas, oficiais conservadores da *Wehrmacht* e renegados nacional-socialistas. Por causa dessa mobilização o governo nazista tentou eliminar o conceito da circulação pública, fato que o levou a ser encarado como um signifiante progressista que se colocava do lado “certo” da história, além de levar os britânicos e estadunidenses a olhá-lo como símbolo esperançoso de uma futura Alemanha democrática. O conceito, portanto, representava um Estado pós-nazista ligado a valores humanistas e guiado pelo Estado de direito. Essa perspectiva se modificou com a aproximação do final da Segunda Guerra Mundial, quando o medo de que nazistas estivessem entrando na clandestinidade com o objetivo de resistir às forças aliadas, transformou o conceito em um símbolo de advertência contra o fanatismo nazista. A ideia do Quarto Reich ficou, dessa forma, associada a um risco futuro: um possível retorno nazista ao poder.

No segundo capítulo, Rosenfeld aborda o período da ocupação aliada da Alemanha entre os anos de 1945 a 1949, analisando como oficiais militares estadunidenses e britânicos, jornalistas, grupos da sociedade civil, literatos e cineastas advertiram sobre a possibilidade da formação do Quarto Reich se as forças aliadas não expurgassem o nazismo de todas a vida alemã. Esse medo não era infundado, uma vez que, durante esse período, militantes nazistas tentaram derrotar a ocupação aliada para reviver o *Reich*: entre 1944-1946, houve a sublevação *Werwolf*; entre 1945-1946, houve a tentativa de golpe comandada por Artur Axmann, da Juventude Hitlerista; e entre 1946 -1947, tivemos a conspiração do *Deutsche Revolution* (Revolução Alemã) liderada por veteranos da SS e da *Wehrmacht*. Ou seja, “o esforço persistente de nazistas inveterados para minar a ocupação, impedir a criação de uma democracia estável e planejar um retorno ao poder revelava que o nazismo havia sobrevivido na era pós guerra” (ROSENFELD, 2022, p. 134). Por isso, Rosenfeld afirma que esse período de ocupação foi muito vulnerável e que graças a exemplos decisivos de



intervenção aliada, como a Operação Berçário e a Operação Comitê de Seleção, a ameaça nazista havia sido neutralizada.

No terceiro capítulo, intitulado “O Quarto Reich vira à direita: renazificando a Alemanha nos anos 1950”, o autor explora como os movimentos de resistência nazista persistiram após a criação da República Federal da Alemanha em 1949, intensificando os temores de um retorno nazista ao poder na Europa. Nesse período, ex-nazistas estavam se articulando para formar novos partidos políticos e planejar conspirações para voltar ao poder. Esse novo “ativismo de direita” levou muitos críticos a afirmar que existia um esforço nazista para substituir a nova democracia da Alemanha Ocidental por um Quarto Reich. Essa mobilização provocou um debate mais amplo sobre até que ponto a República Federal estava de fato correndo o risco de ser renazificada. Para Rosenfeld, contudo, quando analisamos a partir dos dias de hoje, podemos reiterar que os alarmistas exageraram sobre o perigo que a renazificação representava para o país, mas isso não significou que o debate à época sobre esse risco tenha sido inútil. Ao demonstrar preocupação de que a República Federal estava se tornando renazificada, analistas estrangeiros mantiveram o povo alemão atento, deixando claro que se os alemães se mostrassem relutantes em confrontar o passado nazista, a opinião pública estrangeira faria com que se lembrassem dele. “Para observadores estrangeiros, a memória era uma apólice de seguro” (ROSENFELD, 2022, p. 195).

A segunda parte do livro abrange os anos de 1960 até o presente e examina como a ideia de um Quarto Reich se difundiu para além da Alemanha, mas acabou retornando a ela. O quarto capítulo descreve como o medo de um retorno do nazismo na Alemanha e em outras partes do mundo foi revivido devido a uma série de eventos: a captura pelo Mossad israelense de Adolf Eichmann na Argentina, em maio de 1960, redirecionando a atenção do mundo para os crimes nazistas contra os judeus; a eclosão da “Epidemia da Suástica” entre 1959 e 1960; a ascensão do Partido Nacional Democrático (NPD) de extrema-direita entre 1964 a 1969; nos Estados Unidos da década de 1960, a ascensão do Partido Nazista Americano, a reação racista contra o Movimento pelos Direitos Civis, a escalada da guerra do Vietnã e o comportamento escandaloso do governo Nixon levaram muitos norte-americanos da esquerda liberal a declarar que um Quarto Reich estava surgindo na América. À medida que se tornou cada vez mais um assunto de interesse público, o passado nazista passou a servir de referência para avaliar problemas de outros países, em especial dos Estados Unidos. Ou seja, muitos começaram a temer que sua própria nação



estivesse se tornando fascista e “para resumir esse medo, invocavam o conceito retoricamente poderoso de um Quarto Reich” (ROSENFELD, 2022, p. 233).

Rosenfeld, no quinto capítulo, afirma que ao universalizar o seu significado, as declarações sobre um possível Quarto Reich fora dos domínios da Alemanha desempenharam um importante papel na normalização do conceito. Processo que foi promovido também pela sua estetização na cultura popular. Ao longo da década de 1970, o medo de um retorno nazista ao poder foi transformado em uma fonte de entretenimento de massa por obras de literatura, quadrinhos, cinema e televisão. Esses relatos ficcionais sobre o Quarto Reich sinalizaram uma ruptura, cada vez maior, na memória do passado nazista, mas que, por outro lado, refletiam um apoio popular à lembrança. Ou seja, essas narrativas presentes em romances, filmes e programas de TV sobre uma conspiração para formar o Quarto Reich alertavam o mundo para que os crimes nazistas não fossem esquecidos, pois insistiam em representar os nazistas não apenas como vilões vencidos de uma era passada, mas uma ameaça permanente. Contudo, a proliferação dessas narrativas na esfera pública refletia, cada vez mais, a normalização da memória sobre era nazista. Gradualmente os nazistas passaram a ser usados como vilões convenientes em aventuras genéricas, o que acabou os isolando de seu contexto histórico mais profundo e os transformando em significantes genéricos de bandidagem. Ou melhor, como símbolo, o epítome do mal.

Aqui cabe uma reflexão importante. Para grande parte da cultura ocidental de hoje, a representação de Hitler e dos nazistas como manifestação ontológica do mal se tornou completamente naturalizada. Se “mal” é concebido como um substantivo (e assim como uma coisa) atribuímos-lhe uma essência ontológica própria. É então dizer que existe objetivamente e se manifesta em diferentes trajes, seja em Satã ou em Hitler. Satã faz certas coisas por que ele é mau. E Hitler (e os nazistas), nessa perspectiva, não parece ser moldado por forças ideológicas, culturais, e históricas específicas, mas alguém que cometeu seus crimes por sua essência maligna. O recurso ao mal, assim, substitui a explicação ideológica por uma explicação ontológica da realidade, no qual o nazismo só existiu por causa da sua maldade.

A representação dos nazistas na cultura popular ocidental, principalmente nas produções estadunidenses, diz mais sobre esta cultura, seus desejos e ansiedades, do que da própria história da Alemanha. O líder nazista é utilizado para confirmar os valores aparentemente naturais dos Estados Unidos, insistindo na diferença essencial entre a bondade americana e a maldade dos nazistas.



A alteridade é a função cultural dominante dessas narrativas, perpetuando a imagem do nazismo como o epítome do mal. Nesse sentido, as histórias ficcionais sobre o *III Reich* (incluindo sagas de guerra, contos e espionagem, formação de um Quarto Reich na América do Sul, mistérios de assassinatos e histórias de terror – utilizando violência, sexo, fraude, traição, intriga e conspiração) refletem como a era nazista tem sido memorizada/lembrada na sociedade ocidental do pós-guerra. Essas histórias, seja em forma de romances *best-sellers*, filmes, ou programas de televisão, alcançam milhões de leitores e telespectadores, moldando a consciência histórica popular a uma extensão muitas vezes maior que os estudos produzidos por historiadores profissionais.

No sexto e último capítulo, Rosenfeld demonstra como, a partir da década de 1990 e continuando após a virada do milênio, o conceito do Quarto Reich voltou a ser utilizado para abordar temas e preocupações políticas da Alemanha. Foi foco de grande atenção entre os anos de 1989 a 1994, quando a perspectiva da unificação alemã e a erupção do neonazismo trouxe temores de que a Alemanha estivesse revivendo um novo *Reich*. Analistas europeus ficaram preocupados e expressaram o medo de que o país estivesse tomando um rumo à direita do espectro político, “talvez neonazista. Algumas colocações se apoiavam em preocupações legítimas, visto que intelectuais alemães de direita mostravam empenho em teorizar sobre a base política de um futuro Quarto Reich” (ROSENFELD, 2022, p. 35). Tais preocupações se dissiparam nos primeiros anos do século XXI, mas voltaram à tona após 2008, quando eclodiu a crise financeira mundial. Em ambos os períodos, o medo da formação de um Quarto Reich se manifestou de modos diferentes. O seu significado oscilou entre duas visões: a de um Estado neonazista na linha do *III Reich* de Hitler, e a de um superpoder econômico usando a União Europeia para tentar impor uma ordem hegemônica à Europa.

Para concluir, desde que o conceito do Quarto Reich surgiu, ele prosperou como um *slogan* metafórico para indicar um perigo atual ou futuro. Utilizar o conceito como manchete de reportagens jornalísticas ou em cartazes de protestos, ajudou ativistas e políticos a chamar a atenção para suas agendas mais específicas. De fato, o conceito tem o potencial de uma palavra de ordem não só para mobilizar adversários, mas também apoiadores, da extrema-direita mundial. A historicidade do Quarto Reich é a de um paradoxo ontológico. Ele nunca se tornou realidade, mas nunca desapareceu. Como afirma Rosenfeld, recorre a memórias de um passado traumático, mas expressa o medo e a insegurança de um futuro desconhecido.



Para quem se interessa sobre a história do *III Reich* e, em particular, o seu legado, a obra de Rosenfeld é de grande relevância ao traçar a historicidade de um conceito que, aparentemente, tinha sido relegado à história contrafactual ou “história alternativa”. Trabalhar academicamente o termo enquanto conceito nos abre um campo recheado de possibilidades historiográficas para analisar a relação do nazismo com a cultura popular. Ou seja, o livro “O Quarto Reich” auxilia a compreensão de como Hitler e o *III Reich* estão sendo lembrados e memorizados quase oitenta anos após o final da Segunda Guerra Mundial.

Referências

MAGALHÃES, Marionilde Brepohl de. *Imaginação literária e política: os alemães e o imperialismo 1880/1945*. Uberlândia: EDUFU, 2010.

ROSENFELD, Gavriel. *O Quarto Reich: da segunda guerra mundial aos dias de hoje, a ameaça do fantasma do nazismo e o avanço da extrema direita autoritária*. São Paulo: Editora Cultrix, 2022.

Notas

¹Universidade Federal do Paraná. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0105-8808>.

Marcos Eduardo Meinerz
A historicidade do “IV Reich”: os usos do conceito
desde a Alemanha nazista até os dias de hoje